



O CARDEAL DE RICHELIEU.

O CARDEAL DE RICHELIEU.

II

No REGIMEN antigo, em que a auctoridade real era o unico poder do Estado, era necessario que o ministro, que soube sustentar-se e governar dezoito annos como verdadeiro soberano, conseguisse duas cousas igualmente espinhosas e arduas: evitar a sorte do marechal d'Ancre, contendo a nobreza pelo temor do immediato castigo; captivar a vontade e o affecto de Luiz XIII, ligando á sua conservação a segurança do principe, e a existencia da monarchia.

Esta foi a politica do cardeal em todas as epochas e no meio das maiores difficuldades.

Luiz XIII, o mais caprichoso e mudavel dos homens, trahiu sempre as amizades a que parecia mais leal. O seu affecto não poupou a sua mãe as pungentes dores do desterro na terra estrangeira, nem salvou o moço e destemido Cinq-Mars do cadafalso. Com um amor gelado e cadaverico, como a sua alma, tinha contrahido inclinações com as mais formosas e meigas donzellas, e não sentindo o menor vacuo no coração rompeu-as

sem violencia. Este era o senhor a quem Richelieu consagrara a sua vida, e que até o ultimo suspiro não viu no governo senão pelos seus olhos, não obrou senão pelo seu braço, como se o robusto espirito do seu ministro se houvesse infundido no corpo fragil do successor de Henrique IV. Como homem Luiz aborrecia Duplessis. Como rei escudou-o contra todos os golpes — uma lei fatal e mysteriosa uniu a sua carreira á do audaz sacerdote, e que, ao repousar emfim de tantas fadigas, fechando os olhos estendeu a mão fria do seio da eternidade e arrastou atraz de si para a urna cineraria de S. Diniz o suspeito e melancolico monarcha da França.

O segredo d'esta situação equivoca e contradictoria estava nas cousas, e na indole do principe. As rebellões que lhe sacudiram o berço, as esperanças que a sua debil saude animava na familia real, o desprezo popular com que a nação o tractava, nem os ignorava, nem lhe esqueciam nunca. A seta trazia-a sempre cravada no peito. O infeliz não acreditava na affeição da mãe, no amor da mulher, na fidelidade do irmão, e na amizade dos grandes e dos povos. Sentia-se só, rodeado de inimigos, exposto a ver a corôa voar-lhe da cabeça ao furacão das discordias

VOL. I. — DEZEMBRO 26, 1846.

C. M. L.
CABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

civis. Fraco buscou o apoio do forte. Timido encostou-se á energia e audacia de outrem. Ciumento e desconfiado só se entregou a um homem, que poz a cabeça sobre a pasta de ministro, certo de que a espada dos vassallos poderosos a havia de cortar apenas a victoria lhe sorrisse. Luiz XIII e Richelieu eram essenciaes por tanto um ao outro. O principe significava a realza; o cardeal o verbo, a força activa d'esse grande principio. Em nome da unidade monarchica a paz renasceu, e a decadencia tornou-se grandeza dentro e fóra do bello reino da França.

Os meios por que se elevou ao apogeu da influencia foram quasi sempre immoraes, ou subterraneos. Principiou pela ingratição secca e despegada, e acabou pelas theses do cutello e patibulo, em que a cabeça de Chalais e Cinq-Mars, e depois o nobre sangue dos Montmorency lavraram o documento de um triumpho impio, mas solido. A primeira victima foi Maria de Medicis, a protectora da sua mocidade, aquella a quem devia o ter subido os degraus mais difficeis do poder. Perseguições violentas forçaram a ex-regente a expatriar-se, e a constituir-se cúmplice de todas as tentativas dirigidas contra seu filho. Richelieu, pelo contrario firmando com isto o seu credito no animo do rei, fez-se indispensavel, porque representava a gloria, e o vigor da resistencia monarchica nacional combatendo braço a braço com os enredos e traições do estrangeiro.

Pelos principios de 1625, poucos mezes depois da entrada de Richelieu no ministerio rebentou uma nova rebellião protestante. Desde esse dia fortificou-se no seu espirito o profundo convencimento de que não havia governo possivel, em quanto aquella seita armada e audaz estivesse revestida de prerogativas anarchicas, e protegida por exercitos aguerridos. O cardeal temporisou. Ainda não chegára a occasião de ferir o golpe decisivo. A guerra da Italia corria então duvidosa; a Inglaterra vacillava na sua alliança; e a casa d'Austria não poupava esforços para hostilizar a França. Por meio de negociações habeis o ministro illudiu a cõrte de Philippe IV persuadindo-a de que ia pactuar com os calvinistas para socorrer depois a Italia com todas as tropas. Os protestantes, da sua parte, suppozeram que elle accomodando sem demora a lucta além dos Alpes os viria esmagar com toda a segurança. Este engano dos dois lados fez mais docil o duque d'Olivares, e muito modestos os sublevados da Rochella. E por tractados simultaneos Richelieu concluiu a paz com os Hugunotes por causa do pacto com a Hespanha, e com a Hespanha por causa da transacção com os Hugunotes. Foram duas evoluções tão destras como bem succedidas.

Seguiram-se dois annos de socego profundo. O cardeal empregou-os em cimentar os alicerces do seu poder com uma actividade, e uma presciencia raras. A marinha de guerra, a industria e o commercio receberam d'elle serio impulso, e floreceram em poucos tempos. A reforma dos impostos, objecto das suas graves meditações, teria sido consummada com idéas progressivas para a epocha, se a morte o não chamasse tão cedo. Consulados em todos os portos d'escala no Levante, e uma legação em Moscow, estabeleciam-se a par das negociações militares de Rasily nas costas do imperio de Marrocos. Creava-se uma companhia para colonisar o Canadá, outra para explorar S. Domingos, e a corõa animava os armadores, que emprehendiam as arriscadas viagens da India. No interior emprezas para seccar os pantanos, arrotear os baldios e fazer navegaveis os rios, attestavam a boa vontade do ministro, e o incremento gradual da classe media, a quem elle no seu pensamen-

to politico desejava collocar diante do poder tyrannico dos senhores das terras, dando-lhe a influencia da riqueza para os abalar e abater.

O sangue dos Montmorency, aristocratico por excellencia foi derramado sem piedade pelo cardeal, que nunca recuou diante da violencia dos meios com tanto que obtivesse a utilidade dos fins. A auctoridade real era escarnecida e desacatada pelos nobres, que se vangloriavam de estar superiores a todas as leis e ordens. Richelieu publicou um decreto contra os duellos. O conde Francisco de Montmorency zombou d'elle, e exclamando, que os escribas podiam encher de garatujas quantas resmas quizessem de papel, desembainhou a espada e na praça mais publica de París atacou o marquez de Benorou com a elegancia de um cavalheiro, e o valor tranquillo de um soldado. O cadafalso ergueu-se silenciosamente no terreiro da Greve, e o algoz decependo uma das mais nobres cabeças da França resolveu a questão, inopinada e cruelmente, por este desfecho sanguento.

Tractava-se de decapitar, ou os duellos, ou os decretos regios, como dizia Richelieu. Pela sua firmeza os duellos é que succumbiram. Desde então o terror da auctoridade monarchica fundou-se por toda a vida do implacavel ministro. A sociedade, que ha pouco se agitava no cahos da anarchia, organisou-se como por si mesma. O poder respeitado pela unidade dos planos, pela grandeza dos fins, e pela terrivel magestade das suas vinganças, achou-se com a força e o necessario prestigio de tentar os vastos projectos, para os quaes se encaminhavam de longe todos os passos do grande ministro.

A Rochella, defendida por tropas consideraveis e governada pela ambiciosa mãi do duque de Rohan, era o baluarte da seita protestante, e do partido poderoso representado n'ella. A Inglaterra, ao grito levantado pelos Hugunotes respondeu enviando Buckingham, valido do rei, com uma forte armada em seu soccorro. A incapacidade do duque frustrou a sua tentativa sobre a ilha de Ré; o cardeal acudiu-lhe com pasmosa promptidão. Mas este successo accidental não destruiu o immenso perigo da sublevação—aggravado ainda pela má vontade, ou pela antipathia das potencias vizinhas. A Hollanda vacillava por escrupulo de seita. A Grã-Bretanha protegia os calvinistas com o apoio da intervenção armada. A Austria preparava-se a tomar Verdun; e Veneza parecia esperar o momento de sastifazer antigos odios. Finalmente a Hespanha affectava uma neutralidade falsa, donde se descobria segunda tenção. No interior os principes parentes, o irmão do rei, e o conde de Soissons, tramavam de concerto para sepultar nas ruinas d'esta guerra o poder de Richelieu.

O cardeal avaliava todos estes obstaculos, capazes de atterrar um espirito robusto. Mas a salvação e o futuro da França estavam irremediavelmente perdidos se a Rochella ficasse de pé e victoriosa. Ministro, general, intendente de transportes e engenheiro, Richelieu accumulou todos os empregos, exerceu todos os cargos para adiantar as operações navaes e militares. Duas vezes a esquadra ingleza appareceu á vista da cidade bloqueada e duas vezes se retirou diante de exercitos e marinha, quasi que improvisados de repente. A Europa, suspensa um anno, assistiu diante d'aquellas muralhas como espectadora á grave questão que se discutia alli. Por fim venceu a fortuna da França, e a realza cutrando pela brecha da Rochella tomou n'esse dia verdadeira posse do seu reino.

Depois d'este grande resultado, Luiz XIII á testa de trinta mil homens ia socorrer a praça de Casal

na Italia, e conquistar pelas armas uma paz gloriosa. Richelieu commandava todo o exercito. Esta campanha heroica e brilhante correspondeu em tudo ao plano do ministro, e ao concluir-se como elle projectára a sua principal missão tinha acabado. As luctas interiores, que ainda sustentou, e as guerras que depois dirigiu, foram consequencias d'este decisivo e assignalado successo.

Pouco tardou que esta cabeça tão odiada não arrefecesse, e que as mãos cruzando-se no peito deixassem escapar o sceptro de ferro. O cardeal de Richelieu, como um obreiro diligente, tinha sido enviado e despedido á sua hora pelo senhor dos reis e dos imperios. A França, que elle erguera da decadencia, que fizera temida e admirada, respirou ao vêr escapar dos seus dedos d'aço as redeas do governo. Mas alguns annos, bem poucos, bastaram para a obrigar ao tributo de respeito devido ao grande homem que em vida tanto calumniaram. Sobre aquelle tumulo, e antes dos seus ossos se carcumirem, a consciencia dos proprios contemporaneos veio antecipar-lhe o voto da posteridade.

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 125.)

YUEN-MING-YUEN (1), onde o filho do céu costuma passar os mais formosos dias do anno, é menos uma vivenda propria para o verão que uma cidade de palacios, pois contera um cento d'elles com columnas de cedro, e as madeiras douradas, e as telhas pintadas de mil cores. Separam-n'os uns dos outros jardins e pateos magnificos que occupam um espaço de perto de cem mil geiras, e em que ha lagos artificiaes atravessados por pontes de porcelana, collinas com torres ameadas no cimo, e rochedos cobertos de tantos mirantes, pavilhões, e kiosques, que o som exquisito que vibram as suas campainhas de vidro quando o vento as agita, ouve-se em toda a parte.

Ora n'este dia recebia o soberano imperador os grandes do imperio no quarto particular em que estava o seu throno, e que se chama a *morada do céu sereno*. Estavam á porta da sala vinte e dois fidalgos moços com parasoes amarellas, outros com soes ou meias-luas de ouro, e muitos com bastões ornados de borlas variegadas, bandeiras com dragões, e outros com machados, alabardas ou massas douradas. De frente da porta da entrada se viam enfileiradas vinte pedras moldurando laminas de cobre em que se achava gravado o ceremonial a que se devia cingir quem fosse á presença do imperador.

No topo da sala, sobre um estrado alto, erguia-se o throno, para o qual se subia por uma escada de alabastro primorosamente lavrada. O throno, todo cosido em pedras preciosas, repousava em dois dragões de ouro massiço.

Acabava o imperador de se sentar. Trazia vestida uma túnica de zebelina, cobrindo uma comprida saia de seda amarella com o dragão de cinco garras bordado de rica pedraria, e na cabeça uma gorra de pelle de rapoza, que na parte de cima tinha uma perola de grandeza descommunal. Rodeavam-n'o os principes de sangue e muitos governadores de provincias, pelos quacs acabava de distribuir chá em pequenas

taças de madeira. Elle porém, com os olhos pasmados e o rosto carregado, bebia pequenos goles d'emulsão de favas (1), n'um vaso de ouro que um escanção lhe apresentára de joelhos.

Com ser ainda moço, tinha as faces pisadas e o corpo alquebrado como se velhice prematura ou secreto padecimento lhe seccasse a seiva da vida. Safu comtudo da especie de distracção em que tinha caído, ao ouvir o pregão do arauto, que dizia:

— « Ide, e apresentai-vos diante do throno. »

Haviam com effeito entrado os principaes mandarins da cõrte, e começavam a prostrar-se diante do estrado; eis-que, arredando-se de repente a turba dos cortezãos, passou pelo meio d'ella o censor Fo-hu, dando a mão a Effendon vestido de novo e com muita magnificencia.

Ajoelharam ambos ante o throno, e tocaram com a fronte o pó da terra; mas o imperador, sobresaltado de alegria ao vêr o censor e o seu companheiro, fez um signal e ambos foram conduzidos para cima do estrado e juncto d'elle.

— « É este o medico que me inculcaste? » perguntou depressa a Fo-hu.

— « É elle, filho do céu! » respondeu o mandarim.

— « Affianças-me a sua sciencia? »

— « A provincia d'Ordos, de que meu irmão foi por ti nomeado governador, está cheia de milagres d'este homem. »

O imperador voltou-se para o fingido medico.

— « Étu, lhe disse elle, esperas restituir-me a saude e as forças? »

— « Espero, respondeu Effendon, com tanto que tenhas confiança no teu escravo. »

— « Que devo fazer? lhe tornou o doente com a sujeição propria de quem vive atormentado; estou prompto para tudo, obedecer-te-hei em tudo; apaga-me este fogo que me queima as entranhas, e far-te-hei mais rico que todos os mandarins do imperio do meio. Mas falla sem demora, que não acalmam estas dôres. »

— « Antes de applicar-te o lenitivo, respondeu Effendon, releva que o teu escravo te interrogue sem testemunhas. »

A um signal do imperador todos os cortezãos que estavam juncto d'elle desceram do estrado.

Quando chegaram a distancia d'onde não podiam ouvir, o feitor se inclinou para o imperador, e abaixando a voz disse-lhe:

— « Enganam-te, grande principe; enviou-me o céu para te salvar! Mas não me interrompas, accrescentou quando viu que o imperador se agitava; não te perturbes, não soltes um grito, não faças um só gesto que possa inspirar suspeitas, que elles teem os olhos fitos em nós. »

— « Mas que sabes tu? » perguntou o principe inquieto.

— « Sei que querem matar-te. »

— « A mim? »

— « Parte dos mandarins da tua cõrte conspira para exaltar ao throno o teu successor; e d'aqui provém a perda repentina da tua saude. »

— « Ah! razão tinha eu para me suppor envenenado! » exclamou o imperador.

— « Sim, continuou Effendon, mas as tuas suspeitas encheram-n'os de terror, e tendo noticia de que o medico Wang-ti sabia o segredo de venenos mais subtis, que não deixavam vestigios, e levavam o doente á sepultura com tão pequena agonia que parecia entrado em convalescença, foram ter com elle. . . »

(1) O jardim redondo e resplandecente.

(1) Preparação feita com as sementes do cytiso ou codeço da India.

— « Chamaram-te pois para me dares o golpe mortal! exclamou o imperador, a quem esta revelação inesperada causara a um tempo assombro, dor, e indignação. — E não sabes os nomes d'estes infames? »

— « Fo-hu foi só quem me fallou; prometti-lhe a elle dar-te hoje mesmo o remedio que devia coroar a sua obra. »

Por um momento esteve o imperador mudo, cogitando o que faria. Eis senão quando animou-se-lhe de subito o semblante, relampejou-lhe nos olhos a victoria, e um vislumbre de alegria lhe subiu ás faces. Olhando para Effendon disse-lhe:

— « Tens ahi esse remedio? »

O feitor mostrou-lhe o frasquinho de bronze contido na caixa do medico.

— « Enche este vaso, » disse o imperador, estendendo a taça em que bebêra a emulsão de favas.

Effendon obedeceu. Então o principe fez um signal, e tendo-se chegado todos os mandarins proseguiu em voz alta:

— « O céu protege e fillo da dynastia de Han, e um grande beneficio acaba de baixar sobre elle. »

— « Que aconteceu? » perguntaram todos a uma voz.

— « Olhai para este homem e adorai-o como um deus tutelar; porque pela sua sciencia descobriu uma bebida que não só abranda qualquer enfermidade, porém restaura as forças vitaes do mesmo modo que o verão faz brotar as arvores. »

Voltaram-se para Effendon todos os olhos, e prolongado susurro de espanto saiu da turba dos cortezãos.

— « Podia reservar só para mim esta bebida: mas está escripto que o soberano deve ser qual o orvalho bemfazejo para os seus subditos. Quero por tanto que os meus fieis servos participem do thesouro da vida. »

E pegando na taça accrescentou:

— « Cheguem-se pois todos aquelles que, como eu, quizerem beber n'esta taça a vida, o vigor, e a mocidade. »

Estas palavras excitaram grande rumor. Todos os que ignoravam a trama chegaram, a qual primeiro, ao estrado; mas os cúmplices deixaram-se ficar e olhavam desconfiados uns para os outros. O imperador contou-os com os olhos: eram os mais nobres officiaes do imperio! Chamou-os pelos seus nomes.

— Por que motivo cedem os mais nobres a precedencia? perguntou elle, levantando a taça de ouro. Vem cá, vem cá, Fo-hu! quero começar por ti... »

O censor, pallido e tremulo, deu alguns passos para o throno; mas de repente parou, estendeu as mãos, e caiu de joelhos, exclamando que o medico era um embusteiro. Os seus cúmplices imitaram-n'o. Então o imperador ergueu-se temeroso e bradou com voz terrivel:

— « O céu imprimiu o signal tao na vossa fronte. A mim, que sou o pai e a mãe do meu povo, tinheis-me envolvido n'uma rede de enganões em que fostes colhidos. Bemdictos sejam os céus azulados! Soldados! predeei estes envenenadores, e arranque-lhes a tortura a confissão dos seus crimes. »

A este chamamento acudiram os guardas das portas da sala e levaram prezos Fo-hu e os seus companheiros.

O terror e o espanto reinavam no resto da corte, e houve um breve momento de confusão em que as leis do ceremonial foram transgredidas. Os mais leaes servos do imperador tinham cercado o throno e indagavam e ouviam horrorisados as particularidades da conspiração. Socegado o tumulto, durante o qual ficára Effendon esquecido, todos os olhos se viraram para elle. O imperador fez-lhe signal para que se lhe aproximasse:

— « Tu, que me salvaste, chega-te, lhe disse elle com affabilidade; chega-te, fiel Wang-ti! e sejam quaes forem os teus desejos, manifesta-os e serão cumpridos. »

O feitor ajoelhou.

— « Seja o primeiro o perdão de te haver enganado: porque não sou medico, nem me chamo Wang-ti. Vês na tua presença, fillo do céu, um barbaro estrangeiro, que affrontou todos os perigos para te vir pedir justiça. »

Contou então miuda e fielmente a sua historia que todos escutavam maravilhados. Quando acabou fez-lhe signal o imperador para que se erguesse, e olhando para elle com bondade disse-lhe:

— « O sabio desculpa o tigre, que para salvar os fillos rasga as entranhas ao caçador; por amor de tua filha violaste as leis do que está debaixo do céu; relevo-te este crime. Tambem está escripto que o soberano imperador deve ser um manancial de delicias para todos que a elle se chegam. Eia pois, levanta-te e cobra esperanza, porque se tua filha for viva serte-ha restituída. »

A promessa foi cumprida, e um mez depois navegava Effendon com Maria para a America. A filha, sabendo avaliar a grandeza do sacrificio, ainda amava mais a seu pai depois que elle, para a libertar, aplanára tantas barreiras, e quasi que vencêra impossiveis. E quando fallavam diante d'ella em emprezas difficeis em cujo exito o vulgo não crê, e que Effendon repetia, segundo o seu costume:

— « Com a vontade abalam-se montanhas, »

A muda nunca deixava de accrescentar um gesto para significar:

— « E transpertam-se com o amor. »

BENEVENUTO CELLINI (1).

BENEVENUTO Cellini, auctor da estafua de Perseu de que hoje damos um desenho muito exacto, é um homem em que se resume, por sua vida e obras, todo o seculo XVI considerado em relação ás bellas artes. Tendo chegado á idade de cincoenta e nove annos começou a escrever a sua vida, que na verdade é abundante de aventuras e de obras primas. Seu pai chamava-se André Cellini: nasceu em Florença, cidade edificada á imitação da formosa cidade de Roma. — O primeiro objecto que deu mais na vista ao joven Benevenuto foi uma salamandra no fogo. — Logo que chegou a idade de poder tocar flauta, seu pai o applicou a este instrumento e lhe ensinou musica: fez rapidos progressos; porém patenteando-se o seu engenho, e deixando a musica pelo cinzel, entrou de aprendiz no laboratorio de um mestre d'estatuaria famoso n'aquelle tempo. Quando todo se empregava em esculpturas e artefactos d'ourives, e n'aquellas admiraveis tentativas do gosto e da arte italiana; o condestavel de Bourbon caiu d'improviso sobre a cidade de Roma, a que poz cerco: a cidade resistiu como ponde; e o maneebo artista não foi dos ultimos a correr as armas; metteu-se no castelle de S. Angelo onde estava o papa, e foi tão valente e afortunado que matou de um tiro de peça o principe de Orange, e de uma arcabuzada o condestavel de Bourbon, vendido aos hespanhoes, e traidor para com seu rei, que morreu como o cavalleiro Bayard não merecendo tal honra. — Acabada a guerra, o artista, a quem o bom successo fizera ambicioso, foi pedir ao papa Paulo III a recompensa que asentava ser devida a

(1) Este artigo é devido á penna do habil escriptor e engenhoso critico, o Sr. Julio Janin.

seus serviços, mas o pontífice, em vez de o agraciar, o mandou metter n'uma prisão d'estado: Cellini era accusado falsamente de ter dado descaminho ás joias da corôa pontificia que lhe haviam sido confiadas durante o sítio. Da prisão em que o sepultaram Cellini conseguiu escapar duas vezes atravez das maiores dificuldades e excessivos perigos; duas vezes tornou a ser apprehendido, e estava a ponto de padecer morte, quando Francisco I, que ouvira nomea-lo como o artista mais habil da epocha, sollicitou do papa que lh'o enviasse: os desejos do rei de França eram tidos como ordens, e Benevenuto foi solto. Ei-lo novamente lançado em mil aventuras de toda a casta: que vida! festas, duellos, amores, trabalhos, triumphos, jogo desenfreado, miseria, humilhação, tormentos de todo o genero; ora rico, ora pobre; hoje fidalgo, amanhã artista. Assim chegou á côrte de França, e bem é de suppor como o não maravilhariá o esplendor d'esta cidade: recebeu-o o rei com toda a especie de honrarias; deu-lhe plena posse de um palacio, o Nesle pequeno, onde elle assentou os seus laboratorios. Por esse tempo o rei andava todo preocupado com Fontainebleau; esta localidade era o Versailles de Francisco I: ahi reinava como soberana a formosa duqueza d'Étampes; era a rainha d'aquelles jardins, d'aquelle palacio. Cellini descuidou-se de lhe fazer côrte: a duqueza era inclinada ao Primatice, e quiz deitar a perder o artista romano; para isso imaginou uma astucia que a final redundou em vergonha sua.

Cellini acabava de dar o ultimo toque a uma avultada estatua de Jupiter para Fontainebleau; a duqueza para desacreditar esta obra a mandou pôr entre as mais bellas estatuas antigas que vieram da Italia, a fim de que o *Jupiter* ficasse abatido em vista da comparação com aquellas obras excellentes: ainda fez mais, a duqueza aguardou o decaír do dia e propoz a Francisco I e a toda a côrte irem ver á galeria a nova obra de Cellini. Outro que não fosse este escultor se aterraria quanto ao effeito que causaria a estatua: e na verdade que esperanças teria de que ella ganhasse a par dos primores da arte antiga da Italia? . . . Mas o nosso artista não era homem que se desalentasse. A duqueza ficou bastante espantada quando, ao entrar na galeria, achou tão admiravelmente allumiada a estatua de Jupiter que era esta a que supplantava as outras: aquelle vultu seductor parecia animado. O rei, bem como a côrte, não poderam reprimir a sua admiração; o triumpho do artista foi completo. — Ao mesmo tempo que Cellini se occupava d'essas obras em ponto grande, e dotava a França com uma arte que lhe era desconhecida, lidava tambem fervorosamente com artefactos de ourives: nas suas mãos o ouro e a prata centuplicaram no valor: fazia vasos tão bellos, de tal modo rodeados de figuras e tão ricos de ornatos, que eram, já n'esse tempo, de inestimavel valor; hoje os menores trabalhos seus d'este genero estão acima de todo o preço: fez aneis de prata que são avaliados em mais do que os mais ricos guarnecidos de pedras finas. Não ha muitos annos que um curioso inglez que viajava na Italia pagou por 800 luizes (2:560\$000) uma taça singela e pequena de prata cinzelada pelo insigne lavrante florentino. Cidade e côrte davam-se pressa em obter alguma das obras d'elle. Tudo o que era formoso e perfeito, tudo o que era artistico, esculpturas, paineis, gravuras, architectura, era a paixão d'aquelle seculo, chamado com razão o seculo de Francisco I.

Todavia, não obstante o triumpho do seu Jupiter, Cellini viu-se obrigado a ceder á má vontade da duqueza d'Étampes; por outra parte a sua imaginação errante e animo inquieto pouco se accommodavam a permanecer muito tempo no mesmo lugar; precisava

de aventuras a todo o custo, duvidas e desafios, penuria e vida vagabunda: a existencia socegada, a gloria de cidadão, a familia, não se coadunavam com o genio fervente d'este artista, celebre até a este respeito. Deixou por tanto Paris, disse adeus ao paço real, ás suas obras começadas, aos seus proprios inimigos, de que tinha tanta pena, por isso mesmo que o inquietavam, como de tudo o mais; e tornou-se a Italia, sua patria, seu primeiro amor: mas ahi o esperavam a mesma gloria, a mesma inspiração para obras excellentes, e iguaes pezares. Nas memorias de sua vida que escreveu com bastante estro, muito talento e viveza d'estylo, e que são classicas em italiano, Cellini descreve maravilhosamente o como conseguiu fundir a sua estatua de Perseu, como esta operação lhe ia saindo mal, e por momentos julgou que a sua obra magistral estava perdida, e os seus inimigos triumphavam com este desastre. A final, fóra de si, sem ter outra esperança senão no céu, prostrou-se de joelhos e dirigiu a Deus a deprecação mais fervorosa que em sua vida jámais fizera. Finda a prece ergueu-se, correu á estatua . . . milagrosa cousa! . . . estava perfeitamente fundida, e a sua grande obra completada!



As memorias de Benevenuto Cellini são principalmente procuradas porque nos põem ao facto de toda a parte technica das bellas artes: não se apresenta alli só como artista, mas tambem como operario; entra ao mesmo tempo nas particularidades da sua vida e nas miudezas da sua profissão. — Depois de haver feito o Perseu de bronze, esculpiu um *Christo* de marmore para o palacio Pitti, que não ha outro igual: e depois, como por passatempo, gravava brazões para medalhas e moedas, e cravava pedras finas.

Quando Cellini, farto de gloria e de dinheiro, enfastiado como acontece a todos os homens de engenho eminente, fatigado de triumphos e de trabalhos, sentiu chegar-se a velhice, fez-se misanthropo, metteu-se frade, corrigiu as suas memorias, e falleceu a 25 de fevereiro de 1570 na idade de setenta annos.

OS TEMPLARIOS.

(Continuado de pag. 126.)

A COMMISSÃO pontificia, reunida a 7 d'agosto de 1309 na camara do bispado de Paris, tinha sido embaraçada por muito tempo: o rei tinha tanta vontade de vêr os templarios justificados como o papa de condemnar seu rival Bonifacio: as testemunhas que depunham contra Bonifacio eram maltractadas em Avinhão, as testemunhas favoraveis á causa dos templarios eram atormentadas em Paris. Os bispos não obedeciam á commissão pontificia, e não lhe remettiam os templarios. Todos os dias a commissão assistia á missa, depois abria a sessão, e um meirinho á porta da sala bradava: « Se alguém quer defender a ordem da milicia do Templo, apresente-se » mas ninguém apparecia: a commissão voltava no dia seguinte, sempre inutilmente.

A final, tendo o papa instaurado, por bulla de 13 de setembro de 1309, o processo contra Bonifacio, permittiu o rei, em novembro, que o grão mestre do Templo fosse levado á presença dos commissarios: o cavalleiro ancião mostrou a principio muita firmeza: disse que a ordem era privilegiada no foro da sancta sé e que lhe parecia cousa assombrosa que a igreja romana quizesse proceder subitamente á destruição d'ella, quando tinha diferido a deposição do imperador Frederico II por espaço de trinta e dois annos: disse tambem que estava prompto a defender a ordem, como em suas forças coubesse, e que se teria em conta de um desprezível se não defendesse a corporação de que recebera tanta honra e vantagens, porém que temia não ter sufficiente prudencia e reflexão; que se achava prisioneiro do rei e do papa; que não tinha quatro dinheiros para gastar na defeza, nem outro conselheiro mais que um irmão servente; demais que a verdade se manifestaria não só pelo testemunho dos templarios, mas pelo dos reis, principes, prelados, duques, condes e barões, em todas as partes do mundo. — Declarando-se o grão mestre d'esta maneira patrono da ordem, ia dar grande vigor á defeza, e pôr em risco o projecto do rei: os commissarios o induziram a deliberar com madureza, e mandaram que lesse o seu depoimento na presença dos cardeaes; mas o depoimento não emanava d'elle directamente; por vergonha ou qualquer outro motivo encarregou o irmão servente de fallar por elle ante os cardeaes: porém quando appareceu na presença da commissão, e os escrivães ecclesiasticos lhe leram em alta voz aquelles miseraveis depoimentos, o ancião cavalleiro não pôde ouvir com presença d'espírito semelhantes cousas dictas na sua cara; persignou-se e disse que se os senhores commissarios do pontifice fossem outras pessoas alguma cousa teria a dizer-lhes: os commissarios responderam que não era do seu caracter levantar a luva de um desafio. — « Não era esse o meu sentido (disse o grão mestre): aprouvesse a Deus que em casos taes se observasse contra os perversos a practica dos sarracenos: cortam-lhes a cabeça ou serram-n'os ao meio. » Esta replica fez sair os commissarios da sua ordinaria brandura: responderam com frieza e acrimonia: — « aquelles que a igreja acha hereticos, julga-os como hereticos, e relaxa os obstinados ao braço secular. » —

Um dos principaes agentes de Philippe o formoso, Plasian, assistiu á audiéncia sem ser convocado: Jac-

ques Molay, atemorizado pela impressão que as suas palavras haviam feito n'aquelles padres, assentou que era melhor confiar-se n'um cavalleiro; pediu permissão de conferenciar com Plasian; este o induziu, com simulação de amigo, a que se não deitasse a perder, e o resolveu a pedir uma dilação até a sexta feira seguinte: os bispos lh'a facultaram, e mais longa lhe concederiam de boa vontade.

Na sexta feira Jacques Molay tornou a comparecer, mas de todo mudado: sem duvida Plasian o tinha tentado na prisão. Quando lhe perguntaram de novo se queria defender a ordem, respondeu humildemente que elle não era mais que um pobre cavalleiro sem lettras; que ouvira lér uma bulla apostolica em que o papa reservava para si o julgamento dos cabeças da ordem; e que por agora nada mais requereria. Inquiriram-n'o expressamente se queria defender a ordem: respondeu que não, e só rogava aos commissarios que escrevessem ao papa para que mandasse que elle fosse á sua presença o mais breve possivel; e acrescentou com a ingenuidade da impaciencia e do temor: — « eu sou mortal, os mais tambem; não temos de nosso senão o momento presente. » —

O grão mestre abandonando assim a defeza, tirava-lhe a força e unidade que d'elle podia receber. Pediu sómente dizer tres palavras a favor da ordem; primeiro, que não havia igreja onde o culto divino se celebrasse mais dignamente que nas dos templarios; segundo, que não havia religião que fizesse mais esmolas que a do Templo, que tres vezes por semana se distribuiam a quem se apresentava; e por ultimo, que não havia (que elle o soubesse) casta alguma de pessoas que tivessem derramado mais sangue pela fé christã do que os templarios, nem que os infieis tanto temessem; que em Mansourah o conde de Artois os puzera na vanguarda, e que se lhes tivesse dado credito. . . » então ouviu-se uma voz: « sem fé tudo isso de nada vale para a salvção. » — O chanceller Nogaret tomou tambem a palavra: — « Ouvi dizer que nas chronicas, que estão em S. Diniz, se achava escripto que no tempo do soldão de Babylonia o grão mestre de então e outros magnates da ordem tinham rendido homenagem a Saladino; e que este mesmo, sabendo de um grande revez dos templarios, dissera publicamente que isto lhes acontecera em castigo de um vicio infame, e da prevaricação contra a sua lei. » — O grão mestre respondeu que nunca tal ouvira; que apenas sabia que o grão mestre d'esse tempo havia mantido as treguas, porque de outra sorte não teria podido conservar tal ou tal castello. Jacques Molay concluiu pedindo humildemente aos commissarios e a Nogaret que lhe permittissem ouvir missa e ter a sua capella e capellães: assim lh'o prometteram, louvando a sua devoção.

Por este modo se formavam simultaneamente os dois processos, do Templo e de Bonifacio VIII; e apresentavam o extraordinario espectáculo de uma guerra entre o rei e o papa. Este, constangido pelo rei a perseguir Bonifacio, estava vingado pelas declarações dos templarios contra a barbaridade com que os officiaes de justiça haviam encaminhado os primeiros procedimentos: o rei deshonorava o pontificado, e o papa deshonorava a realza: mas o rei tinha da sua parte a força; impedia os bispos de remetterem aos commissarios os templarios prezos; e ao mesmo tempo impellia para Avinhão nuvens de testemunhas que se ajunctavam pôr sua conta na Italia. O papa, de algum modo assediado por estas, via-se condemnado a ouvir os mais espantosos depoimentos contra a honra do solio pontificio.

O processo do Templo começara com grande estrondo, apesar da deserção do grão mestre. A 28 de março de 1310 os commissarios mandaram trazer ao

jardim do paço episcopal os cavalleiros que declaravam querer defender a ordem; a sala não tinha capacidade para recolher todos; eram quinhentos e quarenta e seis. Lêram-lhes em latim os artigos da accusação; queriam depois lêr-lh'os também em francez; mas elles clamaram que era bastante tê-los ouvido em latim, e que não desejavam que semelhantes torpezas fossem trasladadas no idioma vulgar. Como eram tão numerosos, disse-se-lhes que, para evitar tumulto, delegassem em procuradores, e d'entre si nomeassem alguns que fallassem por todos. Quereriam todos elles fallar, tanta era a coragem que haviam recobrado. Delegaram, comtudo, em dois, um cavalleiro, frei Raynaldo de Pruin, e um sacerdote, Fr. Pedro de Bolonha, procurador da ordem juncto ao tribunal pontificio: ajunctaram-se-lhes mais alguns por auxiliares.

Os commissarios fizeram depois tomar, por todos os edificios que serviam de carcerees aos templarios, os depoimentos dos que pretendessem defender a ordem: foi uma luz espantosa que entrou nas prisões de Philippe o formoso. D'ahi saíram extraordinarios clamores; uns arrogantes e asperos; outros piedosos e exaltados; alguns ingenuamente dolorosos. Um dos cavalleiros disse tão sómente: — « eu não posso pleitear sósinho contra o rei de França e contra o papa. » — Alguns limitaram todo o seu depoimento a uma simples deprecação á Sancta Virgem — « Maria, estrella do mar, guiai-nos ao porto da salvação. » — Porém o papel mais curioso é um protesto, em linguagem vulgar, no qual, depois de haverem sustentado a innocencia da ordem, os cavalleiros dão a conhecer a sua humilhante miseria, o mesquinho calculo das suas despezas. Singulares particularidades, e que appresentam cruel contraste com o orgulho e riqueza tão celebres d'esta ordem! Os desgraçados, do miseravel subsidio de doze dinheiros por dia, eram obrigados a pagar a passagem no rio para irem comparecer nos interrogatorios, e ainda em cima tinham de dar dinheiro ao homem que lhes abria e fechava os grilhões.

A final, os defensores appresentaram um memorial authenticico em nome da ordem. N'esta protestaço, singularmente vigorosa e ousada, declaram não poderem defender-se sem o grão mestre, nem por outra fórma que não seja perante um concilio geral. Sustentam — « que a religião do Templo é sancta, pura, e immaculada perante Christo e o Padre. O instituto regular, a observancia salutar, ahi estiveram sempre e estão ainda em vigor. Todos os irmãos não teem mais que uma profissão de fé, que em todo o universo tem sido, e é sempre observada por todos, desde a fundação até o dia presente. E quem diz ou crê outra cousa erra inteiramente, pecca mortalmente. » — Era uma affirmativa bastante audaz sustentar que todos tinham permanecido fieis ás regras do instituto primitivo; que nenhuma deviação, nenhuma corrupção houvera. Quando o justo pecca sete vezes por dia, aquella ordem soberba achava-se pura e sem peccado. Tamanho orgulho fazia estremecer. Não ficaram n'isto. Pediam que os irmãos apostatas fossem postos a bom recado até que se mostrasse se tinham dado testemunho verdadeiro: queriam também que nenhum secular assistisse aos interrogatorios. Ninguém, com effeito, duvida que a presença de um Plasian, de um Nogaret, intimidaria os accusados e os juizes. Acabam dizendo que — « a commissão pontificia não póde proseguir; porque, emfim, nós estamos, e sempre temos estado em poder d'aquelles que suggerem cousas falsas ao senhor rei. Quotidianamente, por si ou por outros, de viva voz, por cartas

ou mensagens, nos avisam que não retractemos as falsas declarações que foram extorquidas pelo temor; aliás seremos queimados. »

Passados alguns dias, saíram com outro protesto, porém ainda mais forte, menos apologetico do que ameeçador e accusador. — « Este processo (dizem) foi inesperado, iniquo, injusto; não é mais que uma violencia atroz, um erro intoleravel. Nas prisões e tractos muitos e muitos teem morrido; outros teem pelo mesmo motivo ficado enfermos para toda a vida; outros foram constringidos a mentir contra si e contra a ordem. Estas violencias e estes tormentos lhes tiraram totalmente o seu livre alvedrio, isto é, quanto o homem tem de bom: quem perde o livre arbitrio perde todo o bem, sciencia, memoria e entendimento. . . Para os impellir á mentira, ao testemunho falso, mostravam-lhes cartas com o selo real pendente, e que lhes asseguravam a conservação da vida e da liberdade; promettiam-lhes provèr cuidadosamente em que tivessem bons rendimentos em quanto vissem; e por outro lado lhes affirmavam que a ordem seria irremediavelmente condemnada. » —

Por muito habituados que então estivessem á violencia dos processos inquisitoriaes, á immoralidade dos meios commumente empregados para fazerem fallar os accusados, era impossivel que semelhantes palavras não sublevassem o coração: porém mais expressivo que todas as palavras era o lastimoso aspecto dos prezos, suas faces pallidas e encovadas, os vestigios horriveis dos tormentos. . . um d'elles, Humberto Dupuy, a decima quarta testemunha, foi posto a tractos tres vezes, e esteve retido trinta e seis semanas, a pão e agua, no fundo de uma torre inficionada: o cavalleiro, Bernardo Dugué, a quem metteram os pés n'um brazeiro, mostrava os dois ossos que lhe haviam caído dos calcanhares.

Eram bem crueis espectaculos: até os juizes, legistas como eram, e cobertos com o secco habito de padres, se commoviam e lastimavam; quanto mais o povo que diariamente via aquelles infelizes passar nas barcas para se transportarem á cidade, ao paço episcopal, onde a commissão celebrava as sessões! Augmentava a indignação contra os accusadores, contra os templarios apostatas. N'um dia, quatro d'estes comparecem perante a commissão, conservando ainda as barbas, porém trazendo as capas no braço; arremeçam-n'as aos pés dos bispos, e declaram que renunciam o habito do Templo: os juizes os olharam com desprezo, e lhes disseram que lá fóra fizessem que bem lhes parecesse.

O processo tomava um andamento perigoso para os que o haviam começado com tamanha precipitação e violencia: os accusadores decaíam a pouco e pouco para a situação de accusados; de dia para dia, os depoimentos d'estes revelavam as barbaridades, as torpezas do primeiro processo, cuja intenção se tornava visivel: tinham posto a tormentos um cavalleiro para o obrigarem a dizer a quanto montava o thesouro trazido da Terra Sancta. Por ventura um thesouro era crime, e objecto d'accusação? . . .

Reflectindo-se no grande numero de afiliados que os templarios tinham no povo, nas relações que os cavalleiros tinham com a nobreza, da qual eram todos oriundos, não póde duvidar-se que o rei se assustára de ter levado tanto ávante este negocio: a intenção era vergonhosa, os meios atrozés; tudo estava desmascarado. Por ventura não estava a ponto de levantar-se o povo, inquietado na sua crença desde a tragedia de Bonifacio VIII? . . . Quando houve o motim por causa da moeda, o Templo tivera força bastante para proteger Philippe o formoso; e

agora? . . . Todos os amigos do Templo estavam contra elle. . .

O que mais aggravava o perigo é que nas outras regiões da Europa os concilios foram em geral favoráveis aos templarios; foram declarados innocentes a 17 de junho de 1310 em Ravenna, no 1.º de julho em Moguncia, a 21 de outubro em Salamanca. Desde o começo do anno que se podiam prever estas decisões; e seguir-se-hia a perigosa reacção em Paris. Era necessario preveni-la, recorrer á audacia: era necessario deitar mão ao processo, precipita-lo, abafa-lo.

No mez de fevereiro de 1310 o rei se havia concertado com o papa; e declarára reportar-se a este quanto ao julgamento de Bonifacio; e em troco exigiu, em abril, que fosse nomeado arcebispo de Sens o mancebo Marigni, irmão do famoso Euguerrando de Marigni, verdadeiro rei de França no tempo de Filippe o formoso: a 10 de maio o arcebispo recém-nomeado convoca um concilio provincial, onde faz comparecer os templarios. Temos dois tribunaes que julgam ao mesmo tempo os mesmos accusados em virtude de duas bullas do papa. a commissão allegava a bulla que lhe commettia o julgamento; o concilio referia-se á bulla precedente que restituira aos juizes ordinarios as suas attribuições a principio suspensas. — Não subsiste acta d'este concilio; nada mais do que o nome dos que n'elle tiveram assento, e o numero dos que mandou queimar.

A 10 de maio, um domingo, appresentaram-se os defensores da ordem perante os commissarios do papa para reclamarem contra o concilio: o presidente, o arcebispo de Narbona, respondeu que nem a elle, nem aos seus collegas competia conhecer de tal reclamação; que não deviam intrometer-se n'isso, pois que não era do seu tribunal que se appellava: que se elles queriam fallar em defeza da ordem, de boamente os ouviriam. — Os pobres cavalleiros supplicaram que, pelo menos, os conduzissem ante o concilio para ahi levarem sua reclamação, concedendo-lhe dois notarios que a reduzissem a fórma authentica. Na sua appellação, que em seguida leram, collocavam-se sob a protecção do papa nos termos mais patheticos. — As infelizes victimas parece que já sentiam as chammas, e abraçavam-se com o altar, que não podia protege-los. (Continua.)

THESOUS DOS ANTIGOS REIS DE PORTUGAL.

OS REIS antigos de Portugal, segundo refere Fernão Lopes, faziam todo o possivel por encurtar as despesas suas e do reino, afim de junctarem thesouros; porque sendo o povo rico diziam elles que o rei era rico, e o rei que thesouro tinha sempre estava prestes para defender o seu reino, e fazer guerra quando lhe cumprisse, sem aggravamento e damno do seu povo. Todos os annos os vedores da fazenda lhes davam contas de todas as despesas feitas, e das sobras dos rendimentos e direitos, tanto em dinheiro como em generos. D'estas sobras se mandava comprar certa porção de moedas de prata e ouro, que eram arrecadadas no castello de Lisboa, n'uma torre chamada albarrã, muito forte, que ficava por cima da porta do mesmo castello, e de que tinham as chaves o guardião do convento de S. Francisco, o prior do de S. Domingos, e um beneficiado da sé. Este ouro e prata os compravam certos *cambadores* d'elrei nas cidades e villas do reino, e por este trabalho percebiam um tanto por cada peça de ouro que compravam. No castello de Santarem tambem havia uma torre onde accumularam tanto dinheiro, que foi pre-

ciso pôr-lhe espeques para não abater; no Porto e Coimbra havia igualmente thesouros reaes.

Elrei D. Pedro I achou que, pagas as despesas ordinarias, podia todos os annos metter na torre albarrã até quinze mil dobras, e só na torre do castello de Lisboa deixou a seu filho D. Fernando oitocentas mil peças de ouro, e quatrocentos mil marcos de prata, além de outras cousas de grande valor que alli estavam. Rendiam então os direitos reaes oitocentas mil libras ou duzentas mil dobras, e a alfandega de Lisboa, uns annos por outros, trinta e cinco mil até quarenta mil dobras, afora algumas dizimas; e só em um anno se exportaram doze mil toneis de vinho, sem fallar nos que levaram depois os navios na segunda carregação de março. E ás vezes estavam diante da cidade, entre portuguezas e estrangeiras, quatrocentas a quinhentas embarcações de carga; e no rio de Sacavem e ponta do Montijo em cadaum lugar sessenta a setenta navios carregando de sal e de vinhos. Com estes rendimentos, ajudados de severa economia, poudo elrei D. Pedro I deixar muito rico o seu successor sem lançar novos tributos sobre o povo.

De outra maneira se houve para enthesourar elrei D. Pedro de Castella, a que se póde dar o epitheto de Nero da Hespanha pela qualidade e quantidade das mortes que mandou fazer. Estando um dia a jogar os dados com alguns dos seus cavalleiros queixou-se de que todo o seu thesouro andaria por vinte mil moedas entre prata e dobras. D. Samuel Levi, seu thesoureiro mór, a quem elle depois tambem mandou tirar a vida, deu-se por injuriado d'este dicto, porque se podia inferir d'elle que não cuidava na arrecadação da fazenda, a qual na verdade estava commettida a recadadores que tinham abusado dos seus cargos valendo-se para isso dos motins que nos ultimos sete annos houvera no reino de Castella; e affiançou-lhe que se lhe desse dois castellos dentro em pouco o faria senhor de grande thesouro. Deu-lhe elrei o alcaçar de Torguilho e o de Fita, em que Samuel poz homens de sua confiança. Mandou o thesoureiro que todos os que arrecadavam ou tinham arrecadado rendas d'elrei desde o começo do seu reinado viessem dar contas, e chamou ao mesmo tempo todas aquellas pessoas a quem elles devessem ter pago alguma quantia segundo as ordens d'elrei, para que debaixo de juramento declarassem o que haviam recebido, e com quanto lhes ficaram os pagadores por lhes não retardarem os pagamentos. Cadaum declarava que não recebera mais do que tanto, e que o resto fóra para a peita, por se lhe dar a entender que sem ella não obtinha pagamento. Se o recadador não mostrava ter pago tudo, mandava D. Samuel que metade de quanto assim levára fosse para o thesouro do rei, e a outra metade para o lesado. «E todoles que taes livramentos houverom, diz o nosso ingenuo chronista, eram mui contentes de dizer a verdade, por cobrar o que tinham perdido: e elle junctou por esta guiza antes d'um anno n'aquelles castellos tam grande thesouro que era estranha cousa de ver.»

CONSERVAÇÃO DO LEITE.

HA um methodo inventado por Mr. Appert para conservar o leite, o qual, pela sua simplicidade, merecia ser mais conhecido. Reduz-se a encher de leite fresco uma garrafa bem rolhada, e te-la mergulhada, cousa de um quarto de hora, em agua a ferver. Asseguram que o leite se conserva por muitos annos em optimo estado depois d'esta preparação.